

# **Entre a Igreja do Brasil e da França**

## **Uma experiência com os portugueses em Paris**

*Sidnei Marco Dornelas\**

Neste trabalho pretendemos fazer uma reflexão que possa unir as lições de uma experiência de pastoral e de pesquisa sociológica junto aos imigrantes portugueses inseridos em comunidades católicas na França, à nova realidade que experimentamos atualmente com os imigrantes na Igreja Católica numa grande cidade como São Paulo. Em comum, está a mesma inserção inquieta junto aos imigrantes que procuram seu espaço de atuação e expressão no interior da Igreja, e uma mesma Igreja que, em épocas e países diferentes (mas não tão diferentes assim) procura dialogar com a experiência de fé desses imigrantes. A realidade comum é a de um espaço eclesial heterogêneo e desigual, social e culturalmente, em que, se de um lado existem limites e tensões, de outro se percebe um anseio em se criar novas modalidades de mediação em meio à pluralidade de usos desse mesmo espaço e de linguagens em que nele se exprime uma mesma fé.

### **Um padre e estudante brasileiro entre os portugueses de Paris**

Como membro da Congregação dos Missionários de São Carlos, conhecidos como Scalabrinianos, cuja finalidade é o cuidado dos imigrantes, recebi uma destinação missionária para a França em 1988, para uma formação acadêmica que fornecesse um conhecimento mais aprofundado sobre os imigrantes, em

---

*\* Sidnei Marco Dornelas é Sociólogo, Missionário Scalabriniano e Diretor do Centro de Estudos Migratórios/CEM.*

vista da atuação nos Centros de Estudos da Congregação, e também para alguma forma de inserção pastoral junto aos imigrantes naquele país<sup>1</sup>. Formado nos estudos teológicos durante os anos 1980, na linha da Teologia da Libertação, e experimentando uma viva experiência pastoral junto às Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) na periferia de São Paulo, ansiava, além dos estudos sociológicos aprofundados sobre a realidade da migração na França, também por uma inserção pastoral junto aos imigrantes portugueses residentes na região parisiense. Minha consciência estava então marcada pelo paradigma que unia a teoria social e teológico-pastoral à ação concreta e engajada junto aos imigrantes, em busca de sua plena realização humana e religiosa, tanto social, como cultural e política.

O contato com a questão migratória na França, no plano social e político, mas também no âmbito da Igreja Católica, rapidamente chamou minha atenção para um tema onipresente nos discursos de seus representantes públicos: a questão da integração dos imigrantes na sociedade francesa. No ambiente eclesial, refletindo todo o debate que se fazia pela mídia e nos meios acadêmicos e políticos, existia um discurso que reiterava a necessidade dos imigrantes se integrarem ao ambiente e ao modo de se viver a fé católica na França. Nesse sentido, outro aspecto desse discurso, igualmente insistente, era a necessidade de se fazer evoluir as práticas religiosas dos imigrantes, sobretudo as de origem rural, consideradas rústicas, no sentido de uma prática mais consciente, sistemática, coerente e que se integrasse à prática pastoral francesa. Esse discurso se fazia presente com muita força entre os próprios padres e agentes de pastoral, franceses e portugueses, que estavam mais próximos dos imigrantes portugueses e eram oriundos da Ação Católica Operária. Considerados dos mais abertos socialmente, possuíam um fé elaborada no confronto com as ciências humanas, com as questões políticas mais candentes da sociedade francesa e se colocavam à “esquerda” no espectro social, político e eclesial da sociedade. Afeitos a reuniões de preparação das atividades pastorais, imbuídos de um discurso sistemático e racional, o que gerava toda uma ação programática em busca do reforço da incidência da fé em todos os âmbitos da vida humana, também desejavam comunidades portuguesas na França em que se refletisse essa concepção de Igreja mais consciente e atuante socialmente<sup>2</sup>.

O meu contato com as comunidades portuguesas mostrou, porém, que a realidade era mais complexa. Estive atuando pastoralmente em Paris entre os anos de 1989 e 1992, ao mesmo tempo em que prosseguia meus estudos de sociologia. Nesse período pude perceber com nitidez como eram distintas as rotinas e práticas religiosas e pastorais das comunidades paroquiais francesas e aquelas dos imigrantes portugueses. Enquanto a Igreja francesa possuía uma programação detalhada que se estendia ao longo da semana em várias reuniões, e tinha uma previsão sistemática para o ano todo, os portugueses concentravam praticamente toda sua atuação em torno da missa e da catequese em língua

portuguesa aos domingos. Eram raros outros tipos de atividades ou grupos, como os vários tipos de movimentos leigos da Igreja francesa, a exemplo daqueles ligados à Ação Católica. Enquanto a Igreja local procurava estar aberta para as várias dimensões da vida social francesa e mundial, as comunidades portuguesas buscavam, principalmente, preservar suas tradições, sua língua, os espaços de convivência entre seus pares. Se por acaso, a comunidade católica portuguesa estivesse unida a uma associação civil de imigrantes, esse caráter de preservação de sua identidade nacional, linguística, cultural e religiosa tendia a se acentuar. Talvez por isso, um dos maiores anseios dos padres que acompanhavam essas comunidades era que elas pudessem “evoluir”, para sair de seu isolamento e particularismo, em vista de uma integração maior com o todo da Igreja do país em que se inseriam, no caso a França.

O meu sentimento, entretanto, brasileiro entre franceses e portugueses, provindo de uma experiência inovadora e diferenciada em relação a ambos interlocutores, era a de ser duplamente estrangeiro e duplamente implicado. Embora a Igreja renovada no Brasil tivesse recebido muita influência da aplicação dos métodos oriundos da Ação Católica, não conseguia partilhar o racionalismo e certo purismo exagerado dos agentes de pastoral franceses, que viam a piedade popular portuguesa como “atraso” (particularmente o culto à Nossa Senhora de Fátima) e empecilho para sua integração na Igreja francesa. Sentia também sobre mim, por parte dos padres e leigos franceses, uma pressão implícita e constante para que os portugueses se comportassem, ou “evoluíssem” para uma prática religiosa similar à francesa. Por outro lado, os imigrantes portugueses sempre esperavam que o seu capelão se colocasse a serviço de suas tradições e costumes, defendesse seu modo de pensar e atuar junto aos responsáveis da Igreja francesa. Se os portugueses eram considerados extremamente ordeiros e disciplinados no uso do espaço cedido pela Igreja na França, em troca eles praticamente evitavam qualquer tipo de assimilação ao modo de praticar a fé dos franceses. Como seu capelão, constrangia-me o fato de ter que defender o que mal compreendia e não me sensibilizava. Afinal, as tradições portuguesas que se refletiam nas suas práticas, além de serem alheias ao diálogo com o ambiente em que se encontravam, também não faziam parte da perspectiva de prática pastoral engajada socialmente na qual fui formado. Frequentemente sentia-me usado pelos portugueses para realizar práticas sociais e religiosas das quais não percebia claramente o sentido e que fugiam ao meu propósito como agente de pastoral. Esse desconforto se agravava pela minha própria condição de deslocamento, como estrangeiro na França, em que os paradigmas de minha formação pareciam inúteis nesse novo contexto.

Foi vivenciando essa experiência ao longo de todo esse período que perseverei num projeto pensado ainda no início de minha estadia na França: a de

fazer uma pesquisa sobre a participação dos leigos portugueses na Igreja francesa, em que a proposta de integração dentro do espaço eclesial francês pudesse ser aferida na prática. Os paradoxos em que me encontrava na minha própria prática pastoral me obrigaram, como exigem os procedimentos metodológicos de distanciamento e de “rigor científico”, a me deslocar para fora da cidade de Paris. Fui fazer o trabalho de campo requerido, entrevistas com um grupo de leigos portugueses, líderes ativos em comunidades católicas, na região de Champigny, a leste da região parisiense. Com esse distanciamento, haveria a possibilidade de fazer ressaltar a condição de pesquisador, e explorar as representações que os portugueses se fazem sobre esse espaço social específico em que eles se inserem, com sua própria conotação cultural: a religião católica, e como por ela agenciam as suas práticas religiosas. Para além dos discursos científicos, políticos, midiáticos ou mesmo pastorais sobre a integração dos imigrantes, o que se buscou foi poder ouvir a sua palavra genuína, livre dos condicionamentos do relacionamento com um agente de pastoral.

Entre os imigrantes entrevistados, em função deste artigo, escolhi três que acredito expressarem bem os diferentes níveis da problemática do relacionamento e das mediações vividas por eles no interior do espaço eclesial francês. Sabendo que iam receber um estudante brasileiro para entrevistá-los sobre sua participação numa comunidade católica portuguesa, cada um reagiu da maneira que melhor lhe parecia para impressionar o visitante estrangeiro (nem francês, nem português, nem padre)<sup>3</sup>. Lourenço, por exemplo, fez questão de mostrar sua grande casa e realizar a entrevista numa sala ampla, como que para mostrar que por seu trabalho e com suas mãos, como viria a frisar durante seu depoimento, ele conseguira se estabelecer e se fazer respeitar na França. Bernarda, por sua vez, preparou um grande jantar para receber o entrevistador, em pleno dia de semana, com vários pratos sobrepostos, da mesma maneira que recebe as visitas solenes aos domingos. No entanto, o caso mais curioso foi o de Maria, uma liderança de comunidade considerada como um exemplo de imigrante bem integrada à Igreja francesa, e que trabalha ativamente por essa integração do conjunto das comunidades portuguesas.

Maria me recebe na sua cozinha, onde ela prepara o café e um bolo típico de sua região em Portugal, e em torno desse bolo com café, ela vai me explicando o ritual das “desfolhadas” à época da colheita do milho. Mas, quando começo os procedimentos para a entrevista, retirando meu gravador e fita K7, e pedindo sua permissão para utilizá-los, ela, como o índio nambikwara de Lévi-Strauss, imita minhas atitudes: enquanto retiro da bolsa meu caderno de anotações e meu gravador, ela também vai buscar o seu gravador, a sua fita K7, seu caderno e caneta (LÉVI-STRAUSS, 1984). Assim como eu, ela grava também toda a entrevista, e vai rabiscando algo numa folha branca enquanto fala comigo. À época me

perguntava o que poderiam significar esses gestos para a imigrante portuguesa, e esses utensílios para reunião, ou então que tipo de enfrentamento ela identificava naquela entrevista diante do desconhecido brasileiro. Hoje, retomando sua entrevista, considerando o prestígio que alcançou junto aos padres e à Igreja local, e conhecendo melhor o que significa a condição social em que se encontram os imigrantes de qualquer nacionalidade em qualquer país, penso que ela procurava viver de forma mais consciente a situação de mediação a que se sentia chamada, tentando encontrar seu lugar entre os portugueses aos quais continuava ligada, bem como entre os franceses, que valorizavam sua integração por seu saber acumulado, pela habilidade em se comunicar, pelo domínio do espaço público. Como o índio nambikwara frente ao etnólogo Lévi-Strauss, ela queria falar comigo de igual para igual.

## **Os imigrantes portugueses no espaço eclesial francês**

Entre os entrevistados podemos distinguir, basicamente, dois tipos de discurso e posicionamento no interior do espaço eclesial francês. Existem os “conservadores”, aqui representados por Lourenço e Bernarda, que procuram preservar a tradição tal qual receberam em Portugal, e nesse sentido falam em nome da massa dos imigrantes portugueses, um “nós” do qual se julgam parte integrante, frente aos leigos e padres franceses. Nesse sentido, guardam certa distância dos padres, uma posição de cautela, atentos ao cotidiano de sua comunidade, à manutenção dos rituais, dos referenciais religiosos, num discurso emocional, cheio de circunlocuções, alusões e peripécias. São particularmente apegados ao culto de Nossa Senhora de Fátima, como o grande ponto de identificação e união dos imigrantes portugueses na França. Porém, existe também um grupo minoritário muito atuante, que compõe o tipo dos “militantes”, como é o caso de Maria, frequentadores assíduos de reuniões e programações formativas da Igreja francesa. Possuem uma consciência muito clara e objetiva de seu engajamento católico e de sua atuação pastoral. Esses leigos partilham com os agentes de pastoral franceses, padres e leigos, uma concepção dinâmica e planejada da pastoral, como ação disciplinada em busca de fins bem definidos. Distanciam-se, assim, do restante dos portugueses no interior da comunidade, na medida em que buscam também uma progressiva integração no conjunto da comunidade francesa, como uma evolução de consciência e de participação coletiva.

O cruzamento desses dois tipos de discurso por esses depoentes nos permitirá perceber alguns elementos importantes para a temática das mediações no interior do espaço eclesial, hoje ainda mais plural e diferenciado.

## A condição social dos imigrantes

Lourenço, depois de falar da importância da família para ele, ao ouvir a minha pergunta sobre se havia já participado das missas francesas, começou a lembrar um tempo ainda anterior, em que não havia família sua na França. Recordou a sua condição comum com outros trabalhadores imigrantes, quando habitava em *bidonvilles* (favelas) na *banlieue* parisiense durante os anos 1960 e 1970:

... era solteiro nesse período, quando a gente morava em barracas, *dans le chantier*, dentro do trabalho. Barracas para quatro pessoas, um embaixo, outro encima, um embaixo, outro encima, a mesa no meio para a gente comer. No sábado, a comida era tudo junto, jogamos as cartas, fazemos fogueiras, assamos castanhas... pronto, vivíamos, vivíamos como homens... e valores desse tempo que hoje não sei se “fazerão” (...) o que eu quero dizer com isso, é que vivemos numa solidariedade entre trabalhadores, homens de diferentes nacionalidades, portugueses, espanhóis, italianos, poloneses, muitos poloneses também, tudo em barracas! E íamos de uma barraca para outra... um ‘tava a comer chouriço, já se comia uma trincada de chouriço ali, outro estava a assar sardinhas, comia-se uma sardinha ali (...) tudo isso, mas rica em amizade, no coração dos povos... eu morei com “algerianos” na minha barraca, eles nunca me roubaram nadinha... me comeram nadinha do que era meu, *jamais, jamais*... e isso é uma grande lição (...) Tenho dois rapazes e uma rapariga e eles têm uma vida completamente diferente... é o que o mais velho me diz sempre... ‘como é que tu queres que eu depois seja... se não me falta nada’...<sup>4</sup>.

A memória dos tempos iniciais da imigração, quando não tinha ainda uma família estabelecida na França, mas também não havia uma comunidade portuguesa organizada, retoma a condição comum de todos os imigrantes, o trabalho com seus valores associados: solidariedade, lealdade, abnegação, perseverança. O tema da integração aí não parece associado a qualquer tipo de nacionalidade, mas retoma uma busca comum por uma vida melhor, com valores que hoje parecem perdidos, na medida em que Lourenço encontra dificuldades para transmiti-los para seus filhos, que não viveram esse período. Deslocamento de vivências geracionais, que se acumulam a outras formas de deslocamento, entre o país das origens (a zona rural portuguesa) e o país de inserção (a *banlieue* parisiense urbanizada).

Aqueles que viveram a travessia da migração sabem bem que sua identidade encontra-se dividida entre o país de emigração e aquele de imigração. Maria mostra uma consciência clara dessa condição, quando afirma que a “nacionalidade

emigrante não existe, a nacionalidade emigrante fica na fronteira, e quando entramos na França, entramos com um pé emigrante, e quando entramos em Portugal, entramos com o pé emigrante...” (DORNELAS, 1998). Maria percebe muito bem que seus filhos nascidos na França vivenciam esse paradoxo com muito mais intensidade, na medida em que, sendo apenas indiretamente associados ao projeto migratório de seus pais, ainda assim são vistos como portugueses, apesar de terem nascido e se educado na França. Ela tenta explicar como procura lidar com essa situação:

...há uma expressão um pouco vulgar que diz *‘qui avoir le cul entre deux chaises c’est pas très confortable’*...<sup>5</sup>. É essa a dificuldade de muitos jovens. E porque os pais se sentem totalmente portugueses, não pensam na França senão para o trabalho, criam um nível de vida em que os filhos não sabem o que pensar. Não estão aqui, nem estão lá embaixo, não se sabe se acaba aqui ou se faz aqui os estudos ou lá embaixo... Bom! Eu não quis forçar os meus filhos. Uma vez que fui eu que os plantei em França, é a eles de escolher qual a nacionalidade que querem.

É essa condição social do imigrante na França, quando começou a formar sua família, criar seus filhos e se estabelecer no país de recepção, que levou os imigrantes portugueses a se organizarem em associações e comunidades católicas no interior das Igrejas francesas. Justamente porque, para além da finalidade do trabalho, surgiam os dilemas da educação de uma nova geração, buscaram criar as estruturas associativas que pudessem ajudar a preservar seus valores culturais e religiosos originais. Paradoxalmente, é no interior desses espaços proporcionados para o funcionamento dessas estruturas, amparadas por instituições como a Igreja Católica, que as questões sobre a integração no país de recepção, ou sobre as modalidades de inserção e mediação que estariam dispostos a mobilizar, vão se colocar de fato para os imigrantes.

## **As comunidades católicas portuguesas**

O que os portugueses buscavam nessas comunidades é claramente exposto no depoimento de Bernarda. No único dia da semana em que os imigrantes se dão folga, nos domingos, eles buscam a comunidade católica portuguesa para reencontrar os referenciais culturais e religiosos que resgatem sua identidade como portugueses. Buscam também os meios que permitirão que seus filhos se mantenham portugueses, através de uma educação religiosa que nenhuma família pode se furtar de transmitir. Isso se dá pela conjugação da missa e da catequese em língua portuguesa. Bernarda explica o modo como se dá o encontro entre os portugueses aos domingos:

Houve aquele início de catequese em português, para os portugueses continuarem a viver um bocadinho a sua fé que viviam lá embaixo. Porque não só a missa, porque a catequese faz tanto como a missa ou mais. Porque não é que eles aprendam muito, muito... porque não é a mesma coisa a catequese que era antigamente: aprender pai-nosso, ave-maria, credo, tudo isso. Bom, mas é uma maneira da gente viver, e então os pais vêm à missa e ao mesmo tempo vêm à catequese. Vêm à catequese e ao mesmo tempo vêm à missa, pois se não fosse a catequese não tínhamos a missa, e assim, uma vez que vêm com os filhos à catequese, vêm à missa e a gente dá a impressão que estamos em Portugal!

No entanto, esses eventos religiosos, tão importantes para os portugueses, não ocorrem num território neutro. De um lado, o encontro entre os imigrantes e suas famílias implica numa organização que se choca com a expectativa privada de cada família, com as idiossincrasias de cada catequista, com a limitação de tempo para realizar toda a programação que a comunidade se permite. Embora existam inúmeras tensões, Bernarda se julga particularmente chamada a fazer seus compatriotas relembrares os valores originais em que se formaram, e que correm o risco de se perderem sob a árdua e obsessiva rotina de trabalho:

...a catequese dou-lhe tanto ou mais valor porque... dar às crianças o que nós sabemos, mas atrás disso, os pais também vão aprendendo alguma coisa com as crianças. Porque, você sabe que muitos pais vivem tão agarrados só ao trabalho, só ao trabalho que... não é a mesma coisa que viveram antigamente, muitas vezes custa-lhes a aceitar certas coisas... Bom! Mas, a coisa das reuniões, que eles têm muitas vezes, eu gosto muito que eles venham às reuniões, porque nas reuniões eles acabam por lembrar coisas que eles...

Por outro lado, esse espaço não é neutro também porque se insere necessariamente no interior da Igreja francesa. O clero e os leigos franceses, quando se mostram tolerantes e mesmo receptivos à presença de uma comunidade portuguesa no interior de suas paróquias, também nutrem suas expectativas sobre ela, e desejam que possa se integrar ao seu quadro de ação pastoral comum. Várias iniciativas formativas para o laicato católico têm procurado associar lideranças leigas portuguesas, no sentido dessa integração, sobretudo no âmbito da liturgia da missa e da catequese. Maria, remanescente da militância da Ação Católica ainda em Portugal, mostrou-se mais sensível e apta a essas iniciativas de capacitação formativa. Munida dessa formação, no seu engajamento como catequista procura fazer com que a estruturação da catequese portuguesa possa confluir para a estruturação da catequese francesa. Curiosamente, participando na mesma área



pastoral de Bernarda, possui uma visão bastante distinta da finalidade que espera obter da formação das catequistas e das crianças:

Esse trabalho começou em português, separado dos franceses, hoje temos grupos de franceses dentro de nosso trabalho português. Quer dizer que, para fazer uma integração lenta, sem que as pessoas “barafussem”, nem sejam rejeitadas... No tempo em que eu fui responsável, organizei uns grupos para funcionar só com oito crianças, que foram aceitas dentro da coordenação portuguesa... pra trabalhar com os grupos franceses, com a catequista portuguesa a dar a catequese, com o livro que normalmente... livro CE2<sup>6</sup>, que normalmente é trabalhado em casa com os pais. Tem apenas uma celebração ao fim de cada mês na paróquia com os pais, mas a catequese feita pelos pais em casa durante a semana, para que nós... (este é o sistema francês?) este é o sistema francês...

Este sistema francês de catequese, que Maria vem se esforçando para que seja progressivamente adotado também pela comunidade portuguesa, possui um objetivo explícito de integrar as crianças e suas famílias no interior da comunidade paroquial francesa. Não busca fazer a recordação das tradições que os imigrantes portugueses trouxeram de sua terra de origem, mas, diferentemente, tem por objetivo a inserção de todos, franceses e portugueses, num mesmo roteiro de aprendizado da fé. O fato de ser feito em grupos pequenos, nas casas, misturando crianças portuguesas e francesas, utilizando-se de um livro francês, que acompanha o ciclo escolar das crianças, demonstra outra dinâmica que desconhece a condição migrante dessas famílias. Nesse sentido, todo o trabalho formativo e a rotina de reuniões, com sua dinâmica de reflexão e ação, disciplinado a partir do ponto de vista da sociedade de acolhida, tem se mostrado uma prova de particular dificuldade para esses imigrantes, lideranças nessas comunidades portuguesas.

Do ponto de vista da preparação da liturgia da missa, Lourenço, ao explicar a pouca disponibilidade dos portugueses na organização das atividades da comunidade, arrisca duas explicações. De um lado, existe a dificuldade em se expressar em público, e usa o exemplo do medo que possuem em se aproximar do microfone para se fazer uma leitura durante a missa. Seriam várias as razões, como o medo de se comprometer, de sair de seu âmbito privado, ou simplesmente o fato de as pessoas comentarem sua incapacidade para ler. Por fim, ele aponta como principal explicação a sua condição social como imigrantes, que os qualifica para o trabalho braçal, mas que os impede de se aproximar de um microfone: “São pessoas que vêm de meios portugueses desfavoráveis, da província, que cresceram com aquela... com um bocadinho... pode-se dizer atrasados... Não é a palavra, mas, pronto! Naquele ambiente não desenvolvido. P’ra falar no micro a pessoa tem que ser um bocadinho desenvolvida... não deve gaguejar...”. Por outro lado, Lourenço aponta a dificuldade que os portugueses têm em trabalhar em grupo e aceitar “a

palavra de d'uns e d'outros". Os imigrantes, do ponto de vista de Lourenço, por sua origem rural e pelo sistema tradicional em que foram educados, não foram preparados para discutir coletivamente suas decisões, ponderar opiniões diferentes das suas, e discordar sem tomar as opiniões contrárias como enfrentamentos pessoais, ou lidar com o exercício da autoridade de forma não autoritária:

Há que saber comunicar, há que saber baixar um bocadinho, é isso que não aceitam. Há muita malta aí que não aceita. É difícil de estar em grupo, e de falar, e de dizer que não estamos aqui para aplicar uma lei... juntos fazemos qualquer coisa de concreto. E isto há pessoas que não querem, são teimosas, são ditatoriais (...) e ninguém quer, ninguém quer este posto... não é um posto, é uma... mas eles estão um bocadinho perdidos, se eu não estou aqui (...) são pessoas que ajudam, mas pronto! é tal problema de... vimos de meios, vimos de regiões, onde a cultura... fomos pouco ensinados a essas coisas...

O aprendizado sobre como agir numa reunião, sobre como ouvir diferentes opiniões e saber como decidir conjuntamente, sem gerar atritos pessoais e ao mesmo tempo zelar pela unidade de toda comunidade portuguesa, parece ser também a preocupação mais corriqueira de Bernarda. Ela fala em boa vontade, coragem e paciência para exprimir os requisitos necessários para ajudar a comunidade se manter, como verdadeiros traços vocacionais:

Na verdade, na vida do imigrante, tanto no trabalho p'ra ganhar o pão, como na vida religiosa, é preciso ter muita paciência e coragem para avançar. Porque não é com facilidade que as coisas chegam a um bom consenso. E, sobretudo quando a gente trabalha com várias pessoas de... de várias opiniões, de várias... (ela suspira) raças, e tudo mais... Digo-lhe francamente que é preciso ter coração bom e forte p'ra poder avançar sempre na boa união, porque não é fácil com isso também não...

Esse aprendizado para saber trabalhar em grupo, nas reuniões, acontece não só entre portugueses, mas também com os padres e leigos franceses, como parece indicar Bernarda. Reunir-se com pessoas tão diferentes, de outros estratos sociais, de outro tipo de linguagem, de outra educação, de outras "raças", parece ser um desafio que se coloca em outro patamar, demandando outro tipo de atitude. Ao que parece, demandaria também outras formas de mediação.

## **O confronto com os franceses**

A proposta de integração das comunidades portuguesas à paróquia francesa, quando é feita, demanda um exercício de participação conjunta em reuniões

de reflexão e formação, preparação na celebração de eventos especiais, na busca de uma consonância na dinâmica catequética. Os portugueses participam abnegadamente, com receio e cautela, desses momentos de encontro. Maria, consciente das dificuldades dos outros imigrantes em participar de reuniões com leigos franceses, procura sempre acompanhá-los. Ela explica em que consistem essas dificuldades:

Sentem a dificuldade de não serem aceitos, porque não é fácil. Eu, como tenho certa relação, tenho a sorte de ser bem aceita talvez na comunidade, tanto francesa como portuguesa, não tenho dificuldade. Sinto-me bem, como é hoje. Falo com eles, sou estimada por todos, mas não é nada fácil estar numa reunião com os franceses (por que?) Porque eles são... É preciso ver que quando nos encontramos numa reunião com os franceses, eu sou a única *femme de ménage* que lá está, sou a única que fez três anos de escola (os outros fizeram mais de três anos de escola?) Em França, três anos de escola não existe (riso...) Eles têm outra formação: uns são responsáveis sociais, outros são professores, são empregados de escritório, outros... têm boas situações, têm um vocabulário difícil, que não é o vocabulário que ouvi aqui, que aprendi o meu francês aqui de boca e de ouvido. Não tive estudo de francês e não é fácil de assimilar certas palavras que costumam chamar que *c'est du jargon... la langue de bois, par exemple...*(riso...) que utilizam palavras difíceis, um vocabulário que não é nada fácil de assimilar. Quando me encontro numa reunião onde estão vinte franceses e eu sozinha, portuguesa, ou mais outro, sinto-me muito pequenina...<sup>7</sup>.

A lucidez de Maria ao analisar o contexto social em que se realizam as reuniões pastorais, confrontando diferentes condições sociais, tem eco nos depoimentos dos outros leigos portugueses. Eles exprimem toda uma atitude de cautela como se estivessem num meio hostil, em que se sentem vistos como estranhos e rebaixados, por sua condição de classe e por sua nacionalidade estrangeira. Espontaneamente, eles sabem que não se pode falar em verdadeira integração sem que se considerem esses diferentes mundos e imaginários em que se movem, mesmo participando de um mesmo espaço eclesial. Bernarda parece sempre preparada para um ambiente de tensão, procura se resguardar, falando o necessário e quando percebe que há uma ocasião propícia para tal. No mais, age simplesmente como quem é chamada a trabalhar:

...eu sou uma pessoa muito humilde, que eu vou, mas fico assim... não eu a mandar, nem eu a propor certas coisas. Às vezes dizem-me, “isto que está bem”, e eu, “está bem, está”, e depois digo também alguma coisinha. Mas, eu primeiro vejo o ambiente, como aquilo está a passar, vejo

a maneira que as pessoas, como as pessoas são, e como as pessoas estão. Porque se eu vejo má vontade, eu então fico-me em mim, vejo, ouço, e não digo grandes coisas, faço o que me dizem.

(...)

(Parece que a relação com os franceses não é muito fácil, precisa ir com cautela...) Claro, evidentemente, a gente... e mais, sobretudo quando é nos primeiros tempos, que não conhece as pessoas. Mas, mesmo porque, como eu não sei falar assim muito, muito correto o francês, estou sempre com aquela timidez. Sinto dentro o que hei de dizer, em português ou coisa, mas em francês, 'tá a gente sempre com aquela timidez. Como estamos num país estrangeiro, ou como estamos no país deles, não quero impor, não quero eu forçá-los a fazer coisas que eles talvez não tenham vontade.

Isso não significa que os portugueses em geral não tenham uma atitude amistosa para com os franceses, e vice-versa. Tanto Bernarda como Lourenço enfatizam que são bem aceitos, e no interior do espaço eclesial existem mesmo várias expressões de amizade. No entanto, neste trecho do depoimento de Bernarda ressoa o que Lourenço constantemente afirma: que os portugueses são um povo que “sabe qual é o seu lugar”. Nos lugares e momentos em que se deveriam instaurar situações de igualdade, como nos espaços celebrativos, ou nas reuniões pastorais, em que a dinâmica de integração deveria ser mais visível, as situações de conflito latente se tornam mais perceptíveis, como demonstra mais uma vez Bernarda:

Há sempre o que fazer, mas na verdade você sabe que onde há muita gente, uns olham as pessoas diferentes dos outros. Porque eu vejo lá nessas reuniões de francês, você sabe, há gente de muitas qualidades, há muita gente que pensa diferente, não é?! e uns que podem estar bem de acordo com isso, mas há outros que não estão... por vezes fala-se na frente, bom, mas há coisa será que às vezes pois anda a falar por trás...

Os conflitos latentes que os portugueses observam quando estão em meio aos franceses, parecem se tornar mais visíveis quando entra em jogo a manifestação da devoção a Nossa Senhora de Fátima. Os eventos em que se realiza o seu culto têm a capacidade de mobilizar emocionalmente a totalidade da comunidade portuguesa. Várias pessoas se propõem a ajudar, existe um grande investimento afetivo e material por parte de todos, e suas celebrações atraem a grande massa dos imigrantes. Os leigos e padres franceses toleram esses eventos, mas os encaram como uma manifestação supersticiosa, provinda de meios rurais

atrasados, pouco esclarecidos daquilo que seria o verdadeiro sentido da fé cristã. No limite, chega a ser desprezada como uma manifestação pagã disfarçada de cristianismo. É o que deixa transparecer Maria, no final de seu depoimento. Como outros depoentes, não colocou em primeiro plano, diante do estrangeiro que a entrevistava, essa devoção como uma característica marcante da expressão de fé entre portugueses. Quando lhe pergunto, sua primeira reação foi um estridente riso irônico. Falando em tom neutro sobre essa festa, diz que também já trabalhou nela, e procura deixar claro que o seu fim é diferente daquilo que seria o propósito da comunidade, mas que “não estorva”. No que ela “estorva”?

Estorvar para mim é no sentido de se ver a pessoa que vai rezar à Nossa Senhora como sendo um deus, sendo que é uma grande devoção, que a imagem de Nossa Senhora para mim fala muito, que é a mãe de Jesus, mas não venero como um deus (...) a expressão da fé popular é maravilhosa, porque se vê Maria... reúne à volta dela milhares de milhares de portugueses, que se liga a Maria para ir a Cristo, é extraordinário... Mas, na minha maneira de ver hoje, porque desenvolvi, não era essa a minha maneira de ver em Portugal... a minha fé evoluiu de uma outra maneira em França..

Assim é que Maria continua devota de Nossa Senhora, mas, como ela diz, não lhe dá “a praça de Jesus Cristo”. Porém, existem de fato momentos em que o culto e a imagem de Nossa Senhora de Fátima estorva os franceses, e parece ser por outras razões. Lourenço relata um incidente que ocorreu em sua comunidade e que levou a um confronto aberto entre os imigrantes portugueses e leigos franceses. Aconteceu no dia seguinte à festa organizada pela comunidade portuguesa:

Então fazemos a festa p’ra Senhora como se fosse... como se fizéssemos a procissão (foram vocês mesmo que decidiram não fazer a procissão?) Foi, fomos nós que decidimos porque uma vez nós deixamos lá a imagem de Nossa Senhora, que ‘tava linda, linda, em cima de uma mesa. Era domingo de manhã, e dissemos, ‘vamos deixar a imagem e tudo isso p’ros franceses, porque há missa dos franceses às onze e um quarto’. E deixamo-la, e à tarde viríamos buscá-la. E aquilo deu barraca, deu barraca (os franceses não gostaram?) Não gostaram, não são todos os franceses, mas... ninguém nos disse nada naquela manhã. Foi depois numa reunião com os franceses, a *communauté* cristã, *dialogue*, “reflexo”... e tudo isso. E é aí que os franceses... eles queriam impor não sei o que, que eu não queria, e eu disse uma palavra assim um bocadinho... que a gente não estava disposto a fazer tudo o que eles queriam e quando eles queriam (...) e então aí eles balançaram: *‘Ecoutez, et quand vous nous imposez*

*votre vierge, ah, votre Fatima dans nos eglises, vous croyez qu'on veut l'accepter?' ... 'Ah bon! On vous impose notre Fatima? D'accord, on ne vous imposera plus notre Fatima, notre Fatima ira avec nous, quand on aura fini notre fête, elle ira avec nous'<sup>8</sup>!*

O mal-estar criado por esse confronto aberto, em que houve uma clara demarcação de território, significando a quem realmente pertencia aquele espaço, produziu um imediato refluxo da comunidade portuguesa. Paradoxalmente, aconteceu justamente numa dessas reuniões proporcionadas pela paróquia francesa para a “*communauté*”, o “*dialogue*”, a reflexão (que desajeitadamente Lourenço chama de “reflexo”). Nesse confronto, em torno da imagem de Nossa Senhora de Fátima, em vez da cautela e da timidez, os imigrantes reafirmaram sua identidade original e preferiram retornar simbolicamente ao seu espaço próprio, quase privado. A partir de então, por iniciativa do padre responsável pelos portugueses, procurou-se fazer uma lenta reaproximação. Numa das festas seguintes de Nossa Senhora de Fátima, foi feita uma dramatização com crianças representando a aparição aos três pastorinhos<sup>9</sup>. Cada casal português deveria convidar um casal francês para também participar da festa e acompanhar a dramatização. Lourenço relembra aquele momento carregado de emoção:

Aquilo passou muito bem. Via-se na serenidade da igreja, que estava cheia, cheia... E eu no fim disse aos franceses: ‘*nous avons voulu par cette présentation vous faire vivre ce que les portugais ont vécu il y a une cinquantaine d'années et que continue au Portugal. C'est encore comme ça. Et du fait, à Fatima 'ont' un extérieure, 'ont' une grandiosité, énorme...*’ E penso que um dia... ‘*peut-être que l'année prochaine, on fera la même chose*’. Isso foi esse ano, e no fim fomos comer e beber juntos<sup>10</sup>.

A reconciliação desejada se deu no espaço em que os imigrantes portugueses se permitiram dramatizar um dos referenciais religiosos e culturais fundamentais para sua identificação social. Dessa vez, não foram os portugueses que foram, cautelosamente, participar de uma reunião francesa, mas foram esses que foram convidados a participar de um evento que tornava público o modo como os portugueses, na sua fé, se representavam a si próprios. Outra forma de integração foi possível, passando por meios, por uma ocasião, por mediações que os próprios imigrantes proporcionaram. Se a mediação deve levar em conta os referenciais culturais, também não deve desconsiderar questões como os diferentes campos de atuação, o uso da força e da autoridade, o modo como os migrantes se veem a si próprios, sua condição social peculiar, a estruturação própria com que cada comunidade imigrante se insere no espaço eclesial.

## A Pastoral dos Migrantes numa Igreja cada vez mais plural

Essa experiência que vivi na França ainda pode ser útil na busca de respostas a questões atuais referentes à participação de inúmeros grupos migrantes dentro do espaço da Igreja. A situação em que me encontro em São Paulo, por exemplo, num contexto intenso de intercâmbios culturais latino-americanos, embora periférico ao fenômeno mais amplo da globalização, coloca questões similares às aquelas abordadas sobre a integração na Igreja francesa<sup>11</sup>. Hoje, pode-se perceber com mais clareza como esse tema não pode ser associado de maneira unívoca a um determinado contexto nacional. A crise do Estado-Nação e dos paradigmas ligados à nacionalidade, colocados em cheque pelo crescente fenômeno da mobilidade humana, reflete-se por toda parte nas problemáticas produzidas pela convivência de grupos sociais diversificados no interior do espaço urbano. Nos espaços proporcionados pela Igreja Católica na cidade podemos observar cada vez mais os desafios apresentados pelo contato entre esses diferentes grupos, suas relações contraditórias, e as questões culturais e religiosas que representam frente à autoridade e à proposta pastoral da Igreja.

A questão da “integração” das comunidades católicas de imigrantes, que parecia monopolizar as atenções no princípio dos anos 1990 no interior da Igreja francesa, ganha uma complexidade maior no contexto atual. São diversos os grupos, de migrantes ou não, que surgem com outras propostas de vivência cultural e religiosa, refletindo a multiplicidade de sentidos típica do meio urbano. Em meio a essa pluralidade, nenhuma experiência parece em condições de se apresentar como a hegemônica frente à proposta de “comunhão” doutrinal da Igreja, que procura de alguma maneira abarcar todos os grupos e movimentos. Os termos mais adequados para exprimir essa busca por um meio comum de convivência pastoral num mesmo espaço e numa mesma Igreja parecem ser o “diálogo” e a “mediação”.

Percebe-se essa mudança de perspectiva nas diversas formas como é concebida atualmente a “cultura”. O emprego deste termo ganha um caráter mais polissêmico, refletindo os diferentes lugares sociais, condições de classe e relações dialéticas em que os diferentes grupos se movem e se redefinem mutuamente, numa estratificação social cada vez mais complexa e instável. No meio urbano, sobretudo, as práticas culturais não podem mais ser vistas como inseridas num todo harmônico ou hegemônico, mas estão sujeitas a mudanças constantes num ambiente de intensa mobilidade humana. Carregadas de sentidos voláteis, díspares e ambíguos que se sobrepõem e interagem uns com os outros, as práticas culturais refletem as contradições do meio social em que ocorrem, e estão mais sujeitas às influências cruzadas de diferentes tradições e “discursos”, sob o pano de fundo da ação dos interesses de uma indústria cultural globalizada. Como consequência, mesmo uma terminologia como aquela da “inculturação”, cunhada pelo discurso missionário da Igreja para designar a proposta de uma evangelização autóctone, no respeito à integridade de cada universo cultural, merece ser questionada haja

vista esse novo contexto da mobilidade humana. Mesmo a Igreja deve repensar suas mediações pastorais em meio à intensidade desses intercâmbios culturais, por seu caráter provisório, pela diversidade dos grupos (entre eles os migrantes), pela sua interação constante, pelas questões sociais envolvidas, pelos diferentes significados atribuídos ao uso do espaço no interior dos centros urbanos<sup>12</sup>.

Relembrando os paradoxos vividos como padre e estudante entre os imigrantes na sociedade francesa, ao mesmo tempo como agente de pastoral e pesquisador, percebo melhor como as diferentes mediações realizadas atualmente pelos agentes de pastoral podem ganhar diferentes conotações conforme o lugar social em que acontecem. Longe de qualquer neutralidade, a presença do agente de pastoral assume um significado distinto conforme os diferentes sentidos de que sua ação é investida. Mais do que nunca, atuando entre diferentes instâncias sociais e pastorais, dentro da Igreja e na relação com diferentes instituições sociais, mas principalmente no intercâmbio com os grupos migrantes, o agente de pastoral é chamado a tomar consciência de sua condição como agente de mediações. Na verdade, a conjugação de um determinado uso da palavra com a autoridade que lhe é conferida no interior do espaço eclesial, faz com que o agente de pastoral tenha uma relevância única ao representar os migrantes entre os diferentes grupos e instâncias. Por outro lado, no contexto mais amplo da sociedade, variando conforme a situação e os interlocutores sociais com quem se defronta, de toda maneira, o agente de pastoral sempre vai representar a instituição Igreja. Em outras palavras, sua palavra e ação, sua simples presença, estão social e culturalmente determinadas, e as representações que mobiliza estão sempre revestidas de alguma forma de exercício de poder e autoridade. Ao mesmo tempo risco e potencialidade, o agente de pastoral como agente de mediações possui a virtualidade de ajudar na inserção dos migrantes nesses diferentes âmbitos sociais e no interior do espaço eclesial. Isso, na condição que ele possa permitir que a alteridade dos migrantes seja reconhecida nos seus próprios termos, de igual para igual.

A plena consciência do agente de pastoral das contingências de sua condição social é, portanto, o requisito necessário para que ele possa perceber e fazer emergir uma percepção real do significado da condição social do migrante. Pelos depoimentos dos imigrantes portugueses, para além das características de sua nacionalidade, podemos perceber questões comuns a todos os migrantes, qualquer que seja sua nacionalidade ou contexto nacional em que eles se insiram. Os dilemas vividos pelos imigrantes portugueses no que diz respeito ao sentido do trabalho em seu cotidiano, o modo como educar os filhos, como manter seus vínculos de origem, como articular seu imaginário religioso, são similares àqueles vividos por outros migrantes, mesmo atualmente. O que parece significativo é que cada vez mais se percebe que só se pode ter uma real percepção dessa alteridade, a partir da situação de deslocamento em que os migrantes mesmo se encontram. Por isso, a atitude de escutar os migrantes, a abertura de espaços e momentos propícios para que se expressem nos seus próprios termos, parece tão importante. Mais do



que isso, poder perceber a lógica que os move só é possível a partir da brecha, da disjunção entre os diferentes mundos entre os quais se situam. É a partir desse lugar social liminar que buscam incessantemente harmonizar suas tradições originárias com as várias influências dos lugares em que se inserem. Poder estar nesse lugar deslocado e liminar parece ser a condição necessária para que um diálogo consistente possa acontecer. Assim, se o agente de pastoral deve estar consciente de que seu lugar social não é neutro, que ele próprio está submetido às contingências de sua formação e de sua filiação à pastoral da Igreja, também deve saber que sempre irá se encontrar com o migrante como um “outro”, e numa atitude de confiança, proporcionar o serviço da escuta. O diálogo então desejado entre os migrantes e os diversos atores presentes no espaço eclesial, bem como no interior do espaço urbano, deveria partir da escuta e da compreensão dessa alteridade construída no interior dessa condição de deslocamento, de disjunção e de provisoriedade permanente.

Com efeito, a partir da minha convivência com os portugueses e da consciência de minha própria situação de deslocamento na França, poderia dizer que o verdadeiro sentido da participação dos imigrantes no espaço eclesial não estava nem entre os “conservadores”, que buscavam manter as antigas tradições, nem entre os “militantes”, que buscavam uma inserção em igualdade de condições com os franceses. Esse sentido subjaz aos conflitos e embates por eles vividos, como que implicado no “pano de fundo” de uma mesma e partilhada condição social. Todos buscavam por sua participação dar resposta a um mesmo anseio, e por meios diferentes tentavam expressar e construir sua própria concepção de futuro para a comunidade. Hoje, no espaço cada vez mais pluridimensional da Igreja Católica, em que diferentes grupos se abrigam, a ação pastoral ganha formas diversificadas, que se cruzam e se mesclam, mobilizando significados múltiplos e díspares. O anseio comum que move esses grupos os leva a fazer uso dessas diferentes linguagens, refletindo também seus diferentes posicionamentos, que expressam territórios de influência e relações de força latentes, mesmo que um discurso sobre a “comunhão” eclesial mantenha todos sob uma mesma autoridade e fidelidade doutrinal. Submetido a esse jogo de relações contraditórias, que une de maneira dialética diferentes entidades, instâncias e grupos dentro do espaço eclesial, o agente de pastoral é chamado a estar atento à expressão dessa condição submersa dos migrantes, para prestar o serviço da mediação, no sentido de um diálogo em que os próprios migrantes possam alcançar o reconhecimento de sua alteridade.

Os caminhos para isso são diversos e passam por uma constante inovação, podendo dar lugar a divisões e polarizações entre os próprios migrantes, como vimos com os portugueses. No entanto, chama atenção nessa dinâmica a importância atribuída às manifestações da religiosidade popular preservada pelos próprios migrantes. Sendo por si mesmas de caráter sincrético e heteróclito, amalgamam influências diversas e são instrumentalizadas pelos migrantes para reconstruir seus referenciais identitários na sociedade em que se inserem. Elas

oferecem recursos culturais que permitem unir o grupo dos migrantes, propiciam as condições para se organizar coletivamente e se relacionar com outros grupos e instituições sociais. Mesmo o seu relacionamento com outros grupos, movimentos e instâncias ligadas à Igreja tende a ser exterior, a exemplo do que ocorre com outras instituições sociais. Os meios tantas vezes racionalizados e estritos com que os agentes de pastoral se servem para se relacionar com as práticas religiosas populares dos migrantes não permitem que possam ter acesso ao seu imaginário religioso, e, por conseguinte, não ajudam numa verdadeira escuta de sua experiência de vida. O desencontro dessas linguagens religiosas – a do agente de pastoral e a dos migrantes – denuncia um despreparo e uma insensibilidade para se perceber as representações pelas quais os migrantes procuram compreender sua própria condição de vida. É certo que essas mesmas manifestações de religiosidade popular passam por mudanças, sofrem influências imprevistas no ambiente da migração, tornando-se ainda mais sincréticas, o que indica uma busca de respostas pelo imaginário religioso a novas e mais complexas questões com que se defrontam. Porém, essa constatação só torna mais evidente a importância de procurar outras formas de mediação, para permitir que um verdadeiro diálogo aconteça entre a ação pastoral da Igreja e a condição social dos migrantes. No Brasil hoje, tanto como na França há vinte anos, não haverá ação pastoral que possa “integrar” verdadeiramente os migrantes sem a escuta e a disponibilidade para compreender a sua alteridade por eles mesmos.

## Notas

1 - A Congregação dos Missionários de São Carlos possui uma rede de Centros de Estudos para as migrações, cuja finalidade é o estudo, assessoria e a conscientização da sociedade e da Igreja sobre a realidade dos migrantes. Os Centros de Estudos fazem parte da Federação dos Centros de Estudos João Batista Scalabrini, que incluem, além do Centro de Estudos Migratórios (CEM) de São Paulo, o Centre d'Informations et d'Etudes sur les Migrations Internationales (CIEMI) de Paris (França), o Centro Studi Emigrazione Roma (CSER) de Roma (Itália), o Center for Migration Studies (CMS) de New York (EUA), o Centro de Estudios Migratorios Latinoamericanos (CEMLA) de Buenos Aires (Argentina) e o Scalabrini Migration Center (SMC) de Manila (Filipinas).

2 - Não era em todas as regiões que esse posicionamento era visível. Dentro da cidade de Paris, em que se abrigavam muitas comunidades católicas portuguesas, e que eram acompanhadas geralmente por padres estudantes portugueses de passagem por Paris, praticamente não se colocavam essas questões. Era no restante da França, particularmente nas cidades periféricas da região parisiense (a “*banlieue*”) que essa visão pastoral era mais sensível, onde justamente atuava um grande número de padres remanescentes da Ação Católica. Essa linha de atuação refletia-se, particularmente, nos documentos do Serviço Nacional da Pastoral dos Migrantes (SNPM), ligada à Conferência Episcopal francesa. Para a visão própria do SNPM, cf. DORNELAS, 1992.

3 - Todo o procedimento metodológico empregado se encontra explicado em DORNELAS, 1992. Não se comunicou aos entrevistados que o pesquisador não era padre. Nem todos os trechos das entrevistas aqui selecionadas foram utilizados na dissertação de mestrado que resultou dessa pesquisa. Na verdade, esse material empírico, em grande parte, encontra-se inédito, pois só agora, através de um novo olhar, pôde revelar sua riqueza para demonstrar a problemática

das mediações sociais e eclesiais em relação aos migrantes no interior do espaço eclesial francês. Parte do conteúdo dessa dissertação se encontra também explicitado em dois artigos publicados no Brasil: DORNELAS 1994; 1998.

4 - Os depoimentos, originalmente em português, possuem várias frases ou expressões em francês, que estão colocadas em itálico. As expressões originalmente incorretas em português, ou que foram afrancesadas, estão entre aspas. As intervenções do entrevistador, ou expressões como riso, tristeza, impaciência, foram colocadas entre parênteses. Aqui, *chantiers* significa o canteiro de obras.

5 - “Ter a bunda entre duas cadeiras não é muito confortável”.

6 - Livro de catequese que acompanha o nível escolar da criança, no caso o CE2 corresponderia, aproximadamente, à 3ª série do Ensino Fundamental. A palavra “barafussem” parece ser um afrancesamento ligado à palavra “barafunda”.

7 - *Femme de ménage* (empregada doméstica); *jargon* (gíria); *langue de bois* (discurso vazio, o “papo furado”).

8 - *Communauté* (comunidade); *dialogue* (diálogo). “Escute, e quando vocês nos impõem a sua virgem, ah, a sua Fátima nas nossas igrejas, vocês acreditam que queremos aceitá-la?... Ah bom! Nós lhes impomos a nossa Fátima? Tudo bem! Não vamos mais impor a nossa Fátima. Nossa Fátima irá conosco. Quando teremos acabado nossa festa, ela irá conosco.”

9 - Representação do relato da aparição de Nossa Senhora às crianças Lúcia, Francisco e Jacinta em 1917, na localidade de Fátima (Portugal), em que ela comunica sua mensagem a toda humanidade.

10 - “Nós quisemos, por meio dessa apresentação, fazer com que vocês vivessem o que os portugueses viveram aproximadamente há cinquenta anos atrás, e que continua em Portugal. É ainda assim. E, de fato, há em Fátima um exterior, uma grandiosidade, enorme...”, “talvez, no próximo ano, faremos a mesma coisa!”

11 - Atuamos, atualmente, na Missão Scalabriniana da Igreja Nossa Senhora da Paz, no centro de São Paulo, conhecida por ser a igreja dos imigrantes. Ela congrega um conjunto de atividades e serviços voltados para a presença dos migrantes na cidade: a Paróquia Territorial, que atende a localidade conhecida como “Glicério”, cuja população é majoritariamente de migrantes nacionais, principalmente do Nordeste; a Paróquia Pessoal dos Italianos de São Paulo, que historicamente estão na origem da fundação da igreja, e ainda hoje têm aí um centro importante de encontro para a coletividade; a Paróquia Pessoal dos Hispano-americanos, com quatro comunidades organizadas (chilena, boliviana, paraguaia e peruana), mas aberta a todos os imigrantes de origem hispana; a Casa do Migrante, uma referência como centro de acolhida para imigrantes e refugiados na cidade; o Centro Pastoral dos Migrantes, cujo atendimento diário presta diversos serviços (jurídico, organização associativa, intermediação de conflitos de trabalho, aconselhamento familiar, psicológico e religioso), além do Centro de Estudos Migratórios, que disponibiliza informações, promove e acompanha pesquisas no campo das migrações, assessora o trabalho pastoral e social junto aos migrantes e, há mais de vinte anos, edita TRAVESSIA – Revista do Migrante.

12 - As considerações teológico-pastorais sobre a pastoral dos migrantes aqui expressas, e questões como a das “mediações”, da “inculturação”, do “diálogo”, entre outras, foram melhor aprofundadas em NASSER & DORNELAS, 2008.

## Referências

- DORNELAS, Sidnei Marco. *Laics portugais dans l'Eglise de France: la place de la religion dans la structuration de l'identité culturelle chez les immigrés catholiques portugais em Ile-de-France*. Memoire de Maîtrise en Sciences Sociales. Paris: Institut d'Études Economiques et Sociales – Institut Catholique de Paris, 1992.
- DORNELAS, Sidnei Marco. Os imigrantes portugueses e a devoção de Fátima em Paris. *Travessia – Revista do Migrante*. Ano VII, nº 19, maio-agosto, 1994, p. 23-25.
- DORNELAS, Sidnei Marco. Agenciamento da memória e construção de identidades: o discurso dos imigrantes portugueses engajados nas comunidades católicas da Região Parisiense. In: *Oral History: Challenges for the 21<sup>th</sup> Century*. Vol. 3, Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1998, p.1705-1714.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Tropiques*. Paris : Librairie Plon, 1955 (ed. poche 1984).
- NASSER, Ana Cristina Arantes; DORNELAS, Sidnei Marco. *Pastoral do Migrante: relações e mediações*. São Paulo: Loyola, 2008.

## RESUMO

Neste texto, o autor faz uma releitura de sua experiência na França, como padre e pesquisador, em que ao mesmo tempo trabalhava pastoralmente junto a comunidades católicas de imigrantes portugueses, e realizava uma pesquisa sobre a atuação desses leigos portugueses no interior da Igreja francesa. A análise de vários depoimentos é feita no sentido de se compreender como se dá, atualmente, a inserção dos imigrantes no interior da Igreja Católica, cada vez mais caracterizada pela interculturalidade e pelo pluralismo de várias maneiras de vivenciar a fé.

**Palavras-chave:** imigrantes portugueses; Igreja; pastoral do migrante.

## ABSTRACT

In this article, the author evaluates his experience in French, as priest and scholar and, in the same time, pastoral agent in a Portuguese Catholic Community, as well as researcher on the action of lay Portuguese people in French Church. Analysis of Portuguese testimonies has been done aiming to understand, nowadays, the insertion of migrants into Catholic Church, understood as intercultural and pluralistic space for the several forms to live religious faith.

**Keywords:** Portuguese immigrants; Church; pastoral of migrants.